



Entre a Psicanálise e o Romantismo: a razão, o limite e a civilização

Eduardo Melo França

Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Av. Professor Moraes Rego, 1235, 50670-901, Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: eduardomeloFranca@hotmail.com

RESUMO. O objetivo deste trabalho é contextualizar e problematizar as semelhanças e diferenças entre o modo como a Psicanálise e o Romantismo tratam a (necessidade da) razão. Partindo da ideia de racionalidade e de domínio da natureza e do desejo, mostraremos como essas duas disciplinas possuem o mesmo objeto de análise, mas métodos e perspectivas diferentes de abordá-lo. Para isso, em alguns momentos será necessário situar tanto a Psicanálise quanto o Romantismo frente ao Iluminismo. Como parâmetro para o nosso estudo, tomaremos o texto *A posição de Freud na moderna história das ideias*, de Thomas Mann, onde o autor destaca o modo como a psicanálise ao mesmo tempo preza pela racionalidade mas não recai no naturalismo científico.

Palavras-chave: Freud, Escola de Iena, Iluminismo, inconsciente, cultura.

Between Psychoanalysis and Romanticism: reason, limit and civilization.

ABSTRACT. The aim of this study is to contextualize and problematize the similarities and differences between the place that reason holds in the core of psychoanalytic and romantic thinking. Starting from the idea of rationality and mastery of nature and desire, we show how psychoanalysis and romanticism have the same object of analysis, but different methods and perspectives of approach. For this, at certain times it will be necessary to situate both psychoanalysis and Romanticism against the Enlightenment. As a parameter for our study, we will take the text *A posição de Freud na moderna história das ideias*, by Thomas Mann, where the author highlights how psychoanalysis at the same time stands for rationality but falls outside the scientific naturalism.

Keywords: Freud, Iena's school, Iluminism, unconscious, culture.

Introdução

Inspirado nas ideias e aproximações expostas por Thomas Mann (1988) sobre Romantismo e Psicanálise em seu ensaio *A posição de Freud na moderna história das ideias*, contextualizaremos e problematizaremos as semelhanças e diferenças entre o lugar que a razão e desejo ocupa no cerne desses dois saberes. Partindo da concepção de ambos os movimentos sobre racionalidade e de domínio da natureza e do desejo, mostraremos como eles possuem o mesmo objeto de análise: a indefinição, as contradições e o desejo humano. Contudo, abordando-o a partir de métodos e perspectivas diferentes; a Psicanálise de forma racional, porém não-cientificista (FREUD, 1976c) e o Romantismo, mais especificamente o alemão, sempre intempestiva e apaixonadamente (GUINSBURG; ROSENFELD, 2008). Para isso, em alguns momentos, será necessário situar tanto a Psicanálise quanto o Romantismo frente ao Iluminismo, tal como entendido por Sérgio Paulo Rouanet (1993), uma vez que ambos estabelecem fortes relações, seja de ruptura ou complementaridade, com este movimento.

Razão, Psicanálise e Romantismo

O pensamento freudiano, ao mesmo tempo em que é um hiato entre Iluminismo e o Romantismo, apresenta aspectos fundamentais da sua concepção de homem, arte e ética que inegavelmente podem ser relacionados - divergente ou convergentemente - com ambos os movimentos. Apesar de considerar um exagero, se podemos chamar Freud de iluminista, como quer Rouanet (1993), creio que seja em boa parte pela sua fervorosa fé na capacidade da razão proporcionar ao homem a possibilidade de viver em coletividade e produzir cultura. Por outro lado, se nos recusamos a defini-lo como um membro tardio da ilustração, é porque sua concepção de homem é absolutamente romântica, obscura, dominada pelo desejo, pela paixão e constituída em maior parte por forças inconscientes. Qualquer tentativa de ler a psicanálise como descendente direta e exclusiva do iluminismo ou romantismo não seria outra coisa senão um reducionismo. Se pretendemos entender como o

saber freudiano se relaciona, foi influenciado e dialoga simultânea ou sucessivamente com qualquer um desses movimentos, é preciso admitir que a psicanálise é herdeira de duas correntes incompatíveis e conscientemente rivais: a razão e a contenção iluminista francesa e o ímpeto, a paixão, o desejo e o idealismo romântico alemão.

A ambiguidade que permeia o diálogo psicanalítico com a paixão intempestiva romântica e a razão esclarecedora iluminista pode ser exemplificada num trecho da carta escrita por Freud para Einstein.

A situação ideal, naturalmente, seria a comunidade humana que tivesse subordinado sua vida instintual a uma 'ditadura da razão'. Nada mais poderia unir os homens de forma tão completa e firme, ainda que entre eles não houvesse vínculos emocionais. No entanto, com toda a probabilidade isto é uma expectativa utópica (FREUD, 1976d, p. 256).

Apesar de num primeiro momento a veia iluminista freudiana saltar aos olhos quando chega literalmente a propor uma 'ditadura da razão', ao considerar essa hipótese como apenas uma 'esperança utópica', imediatamente Freud nos apresenta uma postura amarga e cética acerca da possibilidade do homem se constituir totalmente enquanto um ser de consciência, racionalidade e razoabilidade. Se com algum esforço podemos dizer que Freud e os iluministas apresentam projetos de civilização semelhantes, não há dúvida de que partiram de concepções divergentes da psicologia humana. Isso faz uma enorme diferença. Por mais paradoxal que pareça, o projeto iluminista, aos olhos da psicanálise, parece demasiadamente romântico - no sentido corrente e vulgar que a palavra adquiriu com os anos. Isso porque as implicações, dificuldades admitidas e concepção de homem freudiano apresentam muito mais semelhanças com as ideias nascidas no romantismo. Para Freud, a razão é absolutamente necessária e deve sempre ser tomada como meta, no entanto, o ímpeto, a paixão, o inconsciente e a desmedida são inegáveis, incontornáveis e intrinsecamente humanos.

Antes de prosseguirmos, é importante salientar que quando se trata de psicanálise, as ideias de cultura, civilização, limite, razão, sociedade e castração se fundem num feixe psicológico que pretende ao mesmo tempo admitir a pulsão, mas preservar a convivência humana.

Thomas Mann (1988), no ensaio *A posição de Freud na moderna história das ideias*, não apenas inaugura o debate sobre a relação entre psicanálise e romantismo como também percebe que o que há de mais importante a ser problematizado quando justapomos esses dois movimentos é a eterna luta entre o desejo e a razão, a liberdade e o limite, o indivíduo e a cultura. Sobre essa mão dupla que Freud estabelece tanto com o desejo noturno e intempestivo do romantismo, quanto com a razão e sobriedade iluminista, vejamos o que Mann diz:

O interesse da pesquisa de Freud pelo afetivo não se forma na glorificação do seu objeto às custas da esfera intelectual. Seu anti-racionalismo significa a compreensão da superioridade real-poderosa do instinto sobre o espírito; não significa o admirável deitar-de-bruços diante desta superioridade e o escárnio do espírito. Não há qualquer motivo de equívoco e ele próprio não será vítima de um tal equívoco. Inconfundível e inequívoco é o seu 'interesse' pela pulsão, que não é, perante esta uma servidão amorosa, nem negadora em termos de espírito, nem conservadora em termos de natureza, mas está a serviço da vitória no futuro, está a serviço - a palavra proibida foi aqui introduzida no seu sentido maior, independente das ondulações do tempo - do iluminismo (MANN, 1988, p. 150).

Surpreendentemente, apesar do alvoroço irracionalista gerado pelos pintores e poetas da década de 1920 e 1930 em torno da psicanálise, Thomas Mann percebeu que Freud construiu uma teoria que pisa em solo romântico, mas que olha por meio de lentes racionalista. Se a concepção de homem e de batalha travada entre desejo e razão apresentada por Freud tem um sabor romântico, Mann chama a atenção para o fato de que diferentemente dos românticos, a psicanálise não elogia a noite, o desejo incontrolável ou o id. Ela apenas admite a força desses impulsos irracionais e inconscientes.

Por mais que saibamos que nem só de paixão e sentimento seja feita a poesia de Schlegel, Novalis, Coleridge, Wordsworth e de boa parte dos poetas ingleses e alemães da primeira geração, "[...] quaisquer que tenham sido as causas, porém, o fato é que, em Shelley, perdeu-se o 'equilíbrio romântico' conquistado pela primeira geração" (VIZIOLI, 2008, p. 149). Por isso, não se pode negar que "só com o romantismo se estruturou um movimento que se atreveu a reptar abertamente e em seus fundamentos a perspectiva [clássica e racionalista] instaurada pela renascença" (GUINSBURG; ROSENFELD, 2008, p. 262). Enfim, temos consciência da problemática condição do lugar que a

*Tanto na tradução para o espanhol das obras completas de Freud, quanto nas traduções mais recentes para o português, observamos que a palavra 'ditadura' surge no lugar de 'domínio'. Por isso, apesar de utilizarmos a Edição Standard Brasileira das *Obras Completas* de Freud, adotaremos e permaneceremos utilizando a expressão 'ditadura da razão'.

razão e a inteligência ocupam nas diferentes gerações do próprio romantismo.

Sem esquecer que Mann escreve do final da década de 1920, leiamos mais um excerto de seu ensaio:

[...] com sua ênfase sobre o demoníaco na natureza, com sua paixão de pesquisador das esferas noturnas da alma, ela é tão anti-racional como qualquer manifestação do novo espírito que está em luta vitoriosa com os elementos mecânico-materialistas do século XIX. Ela é a revolução inteiramente em seu sentido (MANN, 1988, p. 149).

As duas passagens transcritas do ensaio de Thomas Mann mostram como ele foi capaz de tocar em dois dos pontos mais significativos em relação à posição que a psicanálise ocupa entre o irracionalismo e a razão. Primeiro, deixemos claro que antirracionalismo não é sinônimo de irracionalismo. Apesar de ambos os movimentos tomarem o homem como um ser obscuro, de paixões intensas e ímpetos destrutivos, a psicanálise se diferenciaria do romantismo, pois acredita que seu lugar não é o das sombras e da profundidade, mas o da razão e da luz. Diferente do irracionalismo que elogia a obscuridade e o noturno, o antirracionalista crê que os indivíduos são dominados por impulsos inconscientes, por pulsões, e que na maioria das vezes a razão e a consciência não são outra coisa senão a ponta de um iceberg ou um fraco cocheiro angustiado e desesperado tentando com todas as forças domar dois cavalos fortes e sem controle. O solo que a psicanálise e esses poetas pisam pode ser o mesmo, pantanoso e movediço, mas Freud, como um antirracionalista, acredita não num sentido ingênuo, mas problematizador, que o homem deve caminhar num movimento ascendente e rumo à consciência. Ser antirracionalista, mas não-irracionalista, consiste em admitir a inevitabilidade da pulsão, mas com todas as forças lutar para que a razão, a consciência, o limite e a cultura sejam soberanos, ainda que sempre em ameaça.

De um lado, podemos dizer com segurança que o objeto de estudo de Freud é romântico, ou ainda mais significativamente, inventado pelo romantismo. Por outro, sua intenção e postura não são exatamente iluministas, visto que enquanto ele se posiciona como um antirracionalista, o neoclassicismo francês era constituído por racionalistas convictos que declaravam seus projetos iluministas tomando o homem como uma tábula rasa e não como um ser do inconsciente, cindido, contraditório e antes de tudo, agora, fundamentalmente numa condição de indivíduo. Isaiah Berlin define bem como os iluministas estavam distantes da concepção vertical de psicologia que nasce com o romantismo e os filósofos idealistas, como Herder, Fichte e Schelling. Para ele,

[...] os *philosophes* eram cegos que conduziam cegos, alienados de toda concepção do que na verdade importava nas profundezas da alma humana, imortal, embora pecaminosa, feita à imagem da própria natureza divina. Esse era o domínio da visão devota e introspectiva da alma alemã (BERLIN, 1991, p. 42).

Nas palavras de Mann, Freud é um ‘revolucionário’, pois constrói uma teoria que olha para o futuro, visa à superação e pretende empreender um processo de racionalização, civilização e por consequência de cultura. O caráter revolucionário de Freud estaria justamente em mergulhar nas profundezas humanas, na obscuridade da psicologia, tal como fez o romantismo, mas compreender que o futuro e a cultura dependem de uma constante tentativa de retorno às luzes e à razão. Mesmo que a força do inconsciente seja inevitavelmente constante, não há no final das contas outro objetivo para Freud senão o de proporcionar ao homem a condição de liberdade, mesmo que precária e provisória. Somente a razão pode proporcionar essa sensação de domínio e suposta segurança. Entregue aos instintos, à pulsão e à natureza, o homem seria um prisioneiro de algo que dentro dele mesmo se motiva apenas buscando saciar de forma predadora os desejos mais egoístas e, quando sob a égide da pulsão de morte, autodestrutivos.

Já dissemos, num tom crítico, que o iluminismo, paradoxalmente, tem um ar romântico. Agora, sem sermos contraditórios, dizemos também que ele, por ingenuidade, é demasiadamente exigente. O projeto iluminista prega uma razão absoluta que não reconhece as implicações do recalque e da pressão pulsional. Daí uma diferença que precisamos estabelecer entre a razão proposta por Freud, que nasce da autoconsciência, e a razão imposta homogênea e externamente pelo projeto iluminista. Do ponto de vista psicológico, o movimento das luzes é tão precário e ingênuo como qualquer projeto totalitário - desde ‘A República’ de Platão, passando pelas utopias do renascimento, até os últimos suspiros já anacrônicos da China ditatorial. O grande diferencial entre a ética psicanalítica com sua razão civilizatória, os românticos e os iluministas é o fato de sua crítica à cultura não ser motivada em nome de um passado ideal - uma época de ouro onde havia uma unidade harmônica entre o homem, a cultura e a natureza - ou em nome de um projeto utópico - no qual os interesses pessoais, e ainda pior, as necessidades pulsionais não somente fossem sacrificadas, mas praticamente desconsideradas em prol de uma cultura homogênea e opacamente subjetivada. A crítica psicanalítica à cultura não tem

ideologia ou utopia e muito menos se funda num passado fantasioso ou num futuro idealizado e utópico. A medida da sua razão e seu único compromisso é com a compreensão da formação do ‘mal-estar’ na sociedade.

Em um de seus não raros momentos de ironia, diz Freud sobre a possibilidade de uma época de ouro, tal como um paraíso abundante e totalmente harmonioso:

Segundo se nos conta, em determinadas regiões privilegiadas da Terra, onde a natureza provê em abundância tudo o que é necessário ao homem, existem povos cuja vida transcorre em meio à tranqüilidade, povos que não conhecem nem a coerção nem a agressão. Dificilmente posso acreditar nisso, e me agradaria saber mais a respeito de coisas tão afortunadas (FREUD, 1976d, p. 254).

Ao mesmo tempo em que não vislumbra essa época na qual todas as necessidades sexuais pudessem ser satisfeitas completamente, ele, diferente de Rousseau e de todos os seus seguidores, acredita que a consciência de que qualquer organização social deve ser submetida aos ditames da razão e da cultura coletiva, o que implica limites, proibições, frustrações e castrações. Freud não propõe alternativas utópicas ou idealistas e reconhece que viver sob eterna frustração, ou castração, não é outra coisa senão admitir a condição neurótica como uma espécie de paraíso artificial e precário, mas o único possível.

O tipo de razão que Freud acredita ser indispensável para a sobrevivência da humanidade é aquela que impõe a norma e o amadurecimento intelectual de forma vigorosa, mas que também é capaz de reconhecer a importância dos impulsos emocionais. Em uma das ‘Conferências Introdutórias’ (XXXV[†]) sobre a *Weltanschauung*, diz Freud que:

Nossa maior esperança para o futuro é que o intelecto - o espírito científico, a razão - possa, com o decorrer do tempo, estabelecer seu domínio sobre a vida mental do homem. A natureza da razão é uma garantia de que, depois, ela não deixará de dar aos impulsos emocionais do homem, e àquilo que estes determinam, a posição que merecem. A compulsão comum exercida por um tal domínio da razão, contudo, provará ser o mais forte elo de união entre os homens e mostrará o caminho para uniões subseqüentes. Tudo aquilo que, à semelhança das proibições da religião contra o pensamento, se opõe

a uma evolução nesse sentido, é um perigo para o futuro da humanidade (FREUD, 1976c, p. 208).

A razão psicanalítica tem como companheira uma moral ativa e realista que se nega a se basear em qualquer manifestação moralizadora e ideal, seja utópica (iluminista) ou nostálgica (romântica). A ‘ditadura da razão’, proposta por Freud, não deve ser tomada como uma entidade abstrata que se guia por pressupostos espirituais e ideais. Seu parâmetro é a medida do ‘mal-estar’. A razão deve encontrar sua medida certa e sua razoabilidade na história subjetiva da humanidade. Ela não pode desconhecer a vida sexual e pulsional do indivíduo que em cada época encontra novas formas de subjetivação e satisfação. O romantismo sonhava com um retorno a uma época de ouro quando os homens seriam mais felizes e naturais. O iluminismo projetava uma sociedade igualitária na qual os homens seriam capazes de abstrair significativamente suas diferenças em prol da fraternidade. Já Freud, fixando seu projeto em solo sóbrio, tanto leva em conta a instabilidade humana (do romantismo) quanto à necessidade da razão (iluminista), para propor que cada ‘mal-estar’ seria produzido por diferentes fatores e por isso a ideia de recalque e razão deve, sempre sem perder a razoabilidade, ser antropologizada. Vale a pena lermos o que tem a dizer Isaiah Berlin sobre a necessidade da razão respeitar as especificidades históricas e culturais.

A razão é diferente. A ideia de uma sociedade única, perfeita e compreendendo toda a humanidade deve ser contraditória em si mesma, pois o Valhalla dos alemães é necessariamente diferente do ideal de vida futura dos franceses, o paraíso dos muçulmanos não é o dos judeus ou dos cristãos, porque uma sociedade na qual um francês atinja uma realização harmoniosa pode se revelar sufocante para um alemão (BERLIN, 1991, p. 45).

Não há outra forma de se encontrar o que gostamos de chamar de mínima-harmonia se não fundada na concepção de indivíduo e razão. A psicanálise, quando julgando a razão, não recai sobre o que se chama de falsa consciência. Freud, diferente dos iluministas, não esqueceu que a razão é um produto absolutamente humano, criado e em muitos momentos renegado pelo próprio homem. O fenômeno da falsa consciência, para Hegel, é a incapacidade humana de se ver no objeto (ROUANET, 1990, p. 70). Assim como age um escravo diante do seu senhor, o homem esquece, é incapaz ou simplesmente finge não ver que a religião, por exemplo, é uma criação humana. Ele a criou, a lançou no mundo e a ela se submete como

[†]Nessa mesma conferência Freud aborda outro tema que não cabe no foco do nosso trabalho, mas que certamente faz parte do raio de debate entre a psicanálise e o romantismo. Freud expõe sua descrença na possibilidade do mundo e das pessoas serem plenamente explicadas por uma só teoria totalitária ou visão de mundo única, seja ela uma *weltanschauung* científica, um sentimento religioso ou a *naturphilosophie* cultivada pelos primeiros românticos, particularmente por Goethe, e que tanto lhe comoveu na juventude.

seu súdito impotente e sem forças. Assim também agiu o iluminismo em relação à razão. Tornou-se quase que abstrata, uma entidade desumanizada na qual o homem nela não se reconhece, pela sua falsa consciência, mas a ela deve ser submissa.

Ao contrário do que parece acontecer com os iluministas, que apesar de logocêntricos e antropocêntricos abstraem o fato da razão ter sido elaborada pela mão do homem, Freud não perde de vista que ela é humana e deve ser demasiadamente humana. Se Marx subverte a falsa consciência hegeliana mostrando que essa dialética não é um movimento natural do homem, mas uma dinâmica empreendida pela alienação da sociedade capitalista, a psicanálise, aqui mais lacaniana, torce o objeto ao seu modo, dá um passo ainda mais adiante e mostra que não apenas a sociedade capitalista, a religião e a razão são produtos da consciência e da linguagem, como que o motor de todas essas e outras criações é o desejo; seja o de amparo e conforto que cria a religião; o de posse, individuação e egocêntrico que possibilita o nascimento da sociedade capitalista; ou o de independência do transcendental, de descoberta e liberdade que institui a razão como juízo das coisas. Se para Marx não temos na religião o homem, mas o homem alienado, para a psicanálise a razão não é simplesmente uma necessidade política, institucional ou uma lei abstrata e dissociada da história, mas, sim, um objeto fruto da criação e do desejo de um homem que nela se projeta e tenta criar novos modos de pensamento a partir dos quais pode se tornar independente de Deus - outra criação sua - e construir uma sociedade mais igualitária e harmônica. A razão é uma criação que em si catalisa o desejo de independência do transcendental, de igualdade e ordem.

O caráter revolucionário freudiano, como diz Thomas Mann, mostra que o 'mal-estar' não é outra coisa senão produto de excessos herdados da ideologia iluminista e romântica, i. e., da razão enrijecida, cega e desumanizada e dos sonhos desmedidos e geradores de frustrações. O processo que possibilitaria um contorno ou apaziguamento desse 'mal-estar' só pode ser obtido pela tomada do indivíduo como parâmetro das coisas e da autoconsciência, psicológica e intelectual, que permitiria ao homem entender o mundo como criação sua e a razão como um instrumento ao seu favor e não uma entidade rígida e incapaz de se adequar à história e às diversidades das necessidades subjetivas. Vale notar de passagem que a aproximação da psicanálise com o liberalismo consiste basicamente na adoção do indivíduo como parâmetro das coisas e o respeito às suas vontades e

desejos. Digo isso, pois, diferente dos liberais mais radicais, Freud não nutre o otimismo necessário para acreditar que os homens sejam capazes de se autogovernarem numa sociedade com o mínimo de leis instituídas, ou seja, impostas pelo Estado. Os homens, para Freud, como veremos mais adiante, quando totalmente livres e sem agentes regulatórios são verdadeiras 'bestas feras' capazes de se destruírem sem piedade ou culpa.

A civilização depende de limites. Nietzsche acreditava que a salvação poderia vir pelas mãos do super-homem. Para Rousseau, o mundo se tornaria melhor quando o homem de natureza pura e boa, que foi corrompido pela sociedade, pudesse novamente exercer sua bondade. Freud, por sua vez, não crê na pureza humana e muito menos em um homem privado de limites e que possa exercer todas as suas forças e desejos. Para ele, "A civilização consiste nessa renúncia progressiva. O contrário do que acontece com o 'super-homem'" (FREUD, 1976a, p. 348).

Um dos contrapontos mais evidentes entre a psicanálise e o romantismo é a descrença que Freud nutre acerca da felicidade e da completude humana poderem estar num monismo, numa unidade perdida, num casamento entre a natureza e a cultura, da arte e do desejo, da paixão e da razão. Diante disso, Thomas Mann mostra enorme lucidez ao preferir o pacote psicanalítico que no lugar de promessas utópicas oferece um projeto de racionalidade que inclui a necessidade de aprimoramento intelectual e o conceito de sublimação como opção razoável e possível de harmonia entre os homens - e ainda mais decididamente entre os homens e suas próprias pulsões.

A revolução para Thomas Mann é um processo de aprimoramento humano que leva em conta todas as suas dificuldades inerentes; uma tentativa contínua de autoconsciência e amadurecimento intelectual. Só assim, para Mann, e sabemos que também para Freud, a sociedade poderá atingir o 'mal-estar' mínimo e inevitável no qual as pulsões se satisfaçam ao mesmo tempo em que os limites da cultura e da civilização sejam mantidos. Não é o momento para nos determos com mais afincamento no conceito de liberdade positiva e negativa de Isaiah Berlin (1981), mas vale notar, com as devidas ressalvas, que tanto ele quanto Freud acreditam que a medida certa da liberdade só pode ser encontrada ou criada pelo aprimoramento intelectual. Em sua correspondência com Einstein, em apenas uma das várias menções que faz ao caráter revolucionário e civilizatório da cultura, razão e intelecto, Freud diz que "[...] dentre as características psicológicas da civilização, duas aparecem como as mais

importantes: o fortalecimento do intelecto [...] e a internalização dos impulsos agressivos [...]” (FREUD, 1976c, p. 258). Olhando deste modo, Freud é absolutamente divergente dos poetas românticos que encontram em Rousseau e no seu “[...] profundo pessimismo no tocante à sociedade e à cultura [...]” (GUINSBURG; ROSENFELD, 2008, p. 266), a inspiração para a construção de um sonho poético no qual a civilização seria a responsável por corromper o homem e distanciar-lo da sua verdade interior que seria boa, generosa e criadora.

Em primeiro lugar, sobre o mito do bom selvagem e da possibilidade do homem permitir que sua verdadeira natureza venha à tona e ainda assim consiga conviver em sociedade, Freud parece um tanto pessimista. Diz ele que:

Em circunstâncias que lhe são favoráveis, quando as forças mentais contrárias que normalmente a inibem se encontram fora de ação, ela também se manifesta espontaneamente e revela o homem como uma besta selvagem, a quem a consideração para com sua própria espécie é algo estranho (FREUD, 1976b, p. 133).

Em segundo lugar, Freud era um lúcido venerador do processo civilizatório e cultural. Digo e enfatizo, lúcido, pois, diferente dos ingênuos e exigentes iluministas, ele tinha a consciência das implicações psicológicas (o ‘mal-estar’) de uma cultura organizada sobre leis institucionais e fundada (psicologicamente) sobre a interdição e a castração. Em outras palavras, se tivéssemos que distinguir um resultado para a equação freudiana que envolve razão, desejo e cultura, seria a ideia de que a civilização é o que nos salva, mas o que nos adoce. “É a esse processo (de cultura e civilização) que devemos o melhor daquilo em que nos tornamos, bem como uma boa parte daquilo de que padecemos” (FREUD, 1976c, p. 258).

Se a harmonia da nossa sociedade é vista como um artifício precário, tanto para a psicanálise quanto para o romantismo, deve-se saber de antemão que cada um desses movimentos entende essa precariedade de uma forma diferente. Para a psicanálise, apesar de essa harmonia ser tão forte e resistente quanto à psicologia de um neurótico que insiste em se manter saudável apenas a partir de um recalque sempre precário e a ponto de se romper, ela deve ser vista positivamente, pois sendo impossível “[...] eliminar totalmente os impulsos agressivos do homem [...]” (FREUD, 1976c, p. 255), seria ela não apenas a responsável, mas o próprio fruto do recalque, da cultura, da interdição e da soberania da razão na sociedade. Ou seja, apesar de precária, ela é

um trunfo conquistado a duras custas pela sociedade e do qual ela não deve e nem pode abrir mão.

Essa busca da psicanálise em fazer da consciência uma meta pode parecer, num primeiro momento, um otimismo de quem acredita podermos viver um dia sob um império estável da tal ‘ditadura da razão’. Muito pelo contrário. Otimismo há no romantismo que busca essa profundidade obscura do homem e acredita que somente *in natura* ele alcançará a felicidade. Poetas como Novalis e os irmãos Schlegel tinham a ilusão de que a cultura sobreviveria a um homem imerso em desejos, sem regras e obstáculos civilizatórios. Isso, sim, pode ser tomado em certa medida como irracionalismo.

Por incrível que pareça, é o antirracionalismo, um conceito não-contraditório, mas ambíguo e paradoxal, que constitui boa parte do pessimismo que exala da psicanálise. Isso quer dizer que, diferentemente do que pensavam os poetas românticos, a natureza humana, destrutiva e irracional, se é inevitável e infinitamente maior do que a consciência, deve também ser incansavelmente combatida e iluminada. A psicanálise possui a sensibilidade romântica que combate a hipocrisia da sociedade, seus ditames enrijecidos, sua incapacidade de se adaptar vitalmente aos desejos e a força de satisfação neurótica, mas seu guia é a razão e seu projeto é de uma consciência progressiva, de abandono da ilusão do tempo perdido de ouro e do homem *in natura* puro e bom. Como diz Thomas Mann:

Pode-se chamá-la (a psicanálise) anti-racional, pois o seu interesse na pesquisa da noite, do sonho, do instinto, do pré-razoável é válido e no seu princípio está o conceito do inconsciente; mas ela está longe de ser deixar tornar, através do interesse, a criada do espírito obscuro, delirante e retrógrado (MANN, 1988, p. 153).

Outro aspecto importante notado por Mann acerca da psicanálise é seu caráter antimecânico-materialista. Isto é, anticientífico, pelo menos aos moldes naturalistas e mecanicistas. A relação de Freud com a ciência que nasce no final do século XIX é interessante. Ele acreditava piamente que era um cientista e que fazia a mais pura ciência. No entanto, ironicamente, sabemos hoje como a psiquiatria olha para o saber analítico com certo desdém por seu suposto caráter não-científico. Thomas Mann foi exato em notar essa contribuição ambivalente da psicanálise aos estudos psicológicos. Freud quis fazer ciência. Não fez. No entanto, nunca lhe faltou racionalidade ou lhe sobrou misticismo. Mesmo não sendo um naturalista,

empreendeu, ou criou uma lógica (do inconsciente), uma razão, não-mística ou científica.

Mann escreve no final da década de 1920. Estávamos de saída do romantismo, assistindo a um avanço inegável e irreversível na ciência e no campo das artes um movimento que ele chama de neorromantismo, mas que supomos ser o surrealismo e todas as suas variações simpatizantes do irracionalismo. Freud não cambaleia nem para um lado nem para o outro. É conhecida a opinião negativa que ele nutria acerca do movimento surrealista e de sua ambição em retratar o inconsciente tal como ele supostamente é. E apesar de Foucault em sua *História da sexualidade* acusar a psicanálise de tentar normatizar cientificamente a sexualidade humana, hoje, tal como já comentamos, a teoria freudiana é tomada, positiva e negativamente, como parâmetro não-científico de análise psicológica. O fato de Freud não ter feito ciência - a ciência mecanicista - não é um demérito ou uma falha de percurso. Ao mencionar no mesmo parágrafo que Freud não era um irracionalista e muito menos um mecanicista, o autor da "Montanha mágica" quis dizer que ao mesmo tempo em que ele não descamba para a apologia ao noturno, tal como esses neorromânticos, também não reduz o homem a células, glândulas e distúrbios neuroquímicos. A psicanálise, nesse contexto, funciona como um nó que transforma a irracionalidade do romantismo em antirracionalismo; a razão do iluminismo em razoabilidade e autoconsciência; e a ciência mecanicista em psicologia.

Não é difícil notarmos que os temas mais apreciados pelo romantismo formam o eixo central dos estudos freudianos - loucura, inconsciente, sonho, ocultismo, repetições, chistes, pulsões, arte, o reconhecimento do obscurantismo da psicologia e a ideia de indivíduo e de precariedade do eu, por exemplo. Apesar dos temas serem os mesmos e centrais, é evidente que a psicanálise e o romantismo os tratam de formas diversas. As diferenças residem justamente na linha que perpassa todo o nosso trabalho. Enquanto o romantismo aborda esses temas sempre resvalando para o misticismo, a nostalgia, o obscurantismo e a concepção de monismo cósmico, Freud tomou as mesmas ideias e lhes deu um tratamento racional e de intenções científicas - notem que digo 'intenções'.

Como lembram Guinsburg e Rosenfeld, o pensamento classicista se distingue do romântico fundamentalmente por princípios como,

[...] o equilíbrio a ordem, a harmonia, a objetividade, a ponderação, a proporção, a serenidade, a disciplina, o desenho sábio, o caráter apolíneo, secular,

lúcido e luminoso. É o domínio do diurno. Avesso ao elemento noturno, o classicismo que ser transparente e claro, racional. E com tudo isso se exprime, evidentemente, uma fé na harmonia universal (GUINSBURG; ROSENFELD, 2008, p. 262-263).

Outro aspecto que se destaca na perspectiva clássica é o disciplinamento dos impulsos subjetivos do artista. O escritor clássico é contido e seguidor das normas clássicas. Ele encontra seus limites subjetivos e formais nas regras estéticas. "Por trás da arte, deve desaparecer o artista" (GUINSBURG; ROSENFELD, 2008, p. 262-263). Ele se confunde com a obra, não porque ela o reflete, mas porque ele não se faz notar. Ele pretende a objetividade.

Além do rompimento com a norma clássica, proporcionando uma mistura de gêneros e o fortalecimento dos versos livres e brancos, como reflexo da natureza indefinida do homem, os primeiros românticos alemães, mais do que tudo e de forma completamente oposta aos neoclassicistas, valorizaram a subjetividade humana, em muitos momentos, refletida pelo narrador psicologicamente 'atrevido', notável, bem definido e singular. O Grupo de Iena, a partir do estudo de escritores como Cervantes, Shakespeare, Sterne e Diderot, passa a cultivar um estilo de ironia que se diferenciando do que encontramos na antiga retórica clássica, passa a se identificar com o intervalo antitético entre reflexão e utopia (LOUREIRO, 2002). Todos esses autores se destacam por terem suas obras marcadas por narradores hipertrofiados que a todo o momento interrompem o fluxo narrativo e realizam dois procedimentos: (1) se relacionam diretamente como leitor e (2) realizam uma autorreflexão acerca de sua própria narrativa.

Ambos os procedimentos, além de proporcionarem reflexões sobre a relação autor-obra-leitor e acerca do caráter ficcional da obra, supervalorizam a figura do autor como indivíduo, que tratando o texto como texto, intrometendo-se na narrativa e apresentando-se não apenas como narrador objetivo, mas como indivíduo criador, faz emergir uma reflexão em torno da obra literária e do lugar do autor com figura artística preponderante. É por esse tipo de reflexão (sobre a autorreflexão) artística que a figura do indivíduo singular, com um ego hipertrofiado, e por consequência a do autor único e genial passa a ter lugar de destaque nas ideias românticas.

A poesia romântica, assim como a dos autores estudados pelo Grupo de Iena, é marcada pela autorreflexão e pelo papel do autor como gênio criativo que não somente imita a natureza, mas a recria. Essa possibilidade de criação é possivelmente

o principal contraponto que se pode estabelecer entre a *mimesis* romântica e a *imitation* neoclássica. Se durante o neoclassicismo o autor vivia sob o rígido regime da *imitation*, a partir do romantismo passa a interromper sua obra para atestar seu caráter ficcional, problematizar seus procedimentos criativos e literários e principalmente refletir acerca do imediato e da relação que nasce do contato entre o leitor e a obra. Por consequência, o artista passa a ser visto e a exercer o papel de um ser demiúrgico que faz da arte reflexo de sua liberdade criativa de desejar e sonhar. Nasce assim a ironia romântica: o casamento improvável entre a reflexão e a fantasia; do autor que conversa, se intromete, reflete e discute, mas que também cria um novo mundo que pode ser mais integrado e harmonioso.

São essas duas ideias aparentemente antagônicas - reflexão e utopia - que movimentam a engrenagem romântica para um paradoxo ainda mais intenso e rico em controvérsias e discussões. De um lado, a obra de arte que tomada como reflexo da genialidade única do autor passa a ser motivo para a cada vez maior valorização da 'spécie biográfica', como chamava Nietzsche, do indivíduo único, singular e verticalizado. Por outro lado, essa obra agora que compartilha de um sentimento de *mimesis* criativa, e não apenas da *imitation*, revela um novo mundo que pode ser criado, e não apenas copiado, e que carrega em si o sentimento de nostalgia de um tempo anterior à 'queda' no qual a unidade perfeita e harmônica não havia sido quebrada. Nasce daí o maior paradoxo romântico: a relação entre a inevitabilidade de um indivíduo absolutamente livre, tomado pelo desejo singular e a vontade de unidade, de monismo, coletividade harmônica e de cosmos unitário. Levados ao limite, temos o mais importante paradoxo-irônico-romântico: reflexão/utopia e a inconciliável dupla aspiração à singularidade e ao absoluto.

É interessante pensarmos que no cerne da discussão acerca do *Mal-estar na civilização* de Freud reside o paradoxo, senão contradição, mais importante do movimento romântico. A diferença, contudo, é que enquanto os românticos tomam o par indivíduo singular e unidade absoluta como uma condição a ser vivida enquanto sonho ou nostalgia, Freud apontara o casamento entre o indivíduo e a coletividade não como uma condição, mas um problema que não será resolvido com nostalgia ou obscurantismo e sim a partir da razão e seus derivados: as leis, os acordos, a sublimação, a arte, os sintomas, as normas e as interdições.

Como o objeto de estudo psicanalítico e de veneração romântica são os mesmos, as diferenças entre ambos os movimentos podem somente

começar a surgir definitivamente quando a utopia toma o lugar do projeto e a paixão o da razão. O aparecimento da figura do indivíduo surge no romantismo a partir da autorreflexão, ou como chamamos anteriormente, da autoconsciência. Autores como Cervantes, Sterne ou Shakespeare, apontados por alguns como pré-românticos, saltaram aos olhos dos irmãos Schlegel, pois seus protagonistas apresentando uma inquietação, diríamos, romântica, de dissociação com a ordem natural das coisas e do mundo, adotam pontos de vista fora de si próprios e tentam problematizar e encontrar seus novos e indefinidos lugares no mundo. Para Schlegel (apud GUINSBURG; ROSENFELD, 2008, p. 273):

O ideal grego [...] era a concórdia e o equilíbrio perfeitos de todas as forças; a harmonia natural. Os novos, porém, adquiriram a consciência da fragmentação interna que torna impossível este ideal; por isso a sua poesia aspira a reconciliar os dois mundos em que nos sentimos divididos, o espiritual e o sensível, fundindo-os de um modo indissolúvel [...]. Na arte e poesia gregas manifesta-se a unidade original e inconsciente de forma e conteúdo; na nova, procura-se a interpenetração mais íntima de ambos, enquanto ao mesmo tempo permanecem opostos. Aquela soluciona a sua tarefa, chegando à perfeição; esta, só pela aproximação pode satisfazer o seu anseio do infinito [...].

Considerações finais

Percebe-se, portanto, que de forma geral, o romantismo tinha consciência de que o nascimento do indivíduo moderno é fruto de uma capacidade do homem se desdobrar sobre si próprio e perceber sua cisão em relação ao mundo. Sem esse sentimento de cisão e ruptura não haveria a emergência da necessidade de um reagrupamento artificial fundado em regras e limites, que por sua vez gera a frustração dos desejos, a nostalgia de um tempo perdido, o desconforto e o desencantamento com o mundo atual. Em outras palavras, voltamos à ideia de um 'mal-estar'. Ora, os românticos tiveram tudo para iniciar uma problematização pela primeira vez profunda acerca da natureza humana e das possibilidades de convivência em grupo, mas se perderam no deslumbramento da profundidade psicológica, na utopia de um futuro ao mesmo tempo harmônico e selvagem (no sentido Rousseriano) e num vício de nostalgia. Freud, nesse momento, foi exato em mesclar sua herança híbrida de luz e sombra e dizer que sem o limite e uma ditadura da razão, do homem não podemos esperar outra coisa senão,

[...] criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo - *Homo homini lupus* (FREUD, 1976b, p. 133).

Também Thomas Mann acreditava na infeliz capacidade do homem de destruir e se autodestruir quando numa condição na qual a vontade se sobrepunha à razão. Em seu ensaio homônimo dedicado a *Schopenhauer*, diz ele, evidentemente impregnado pelo pessimismo de Freud e do filósofo alemão que,

[...] o homem, enfim, considera o todo como criado para seu uso e contribui por seu lado para assinalar com a mais espantosa evidência o horror do combate de todos contra todos, o auto-estragalhamento da vontade, segundo a máxima *Homo hominis lupos* (MANN, 2009, p. 9).

Felizmente, diferente do que observamos quando críticos e teóricos resolvem escrever ficção ou poesia e costumeiramente nos frustram, não são raros os exemplos de poeticidade, profundidade e sensibilidade com os quais nos deparamos quando poetas e romancistas resolvem fazer crítica, teoria ou ensaio. Por isso, apesar de todos os estudos que hoje dispomos sobre a relação entre psicanálise e romantismo, acreditamos que Thomas Mann, apesar de seu curto ensaio, ainda é o melhor guia que poderia nos acompanhar nesse tema, uma vez que foi ele, não apenas o primeiro, mas também quem mais especificamente conseguiu perceber que além de todas as outras possibilidades de abordagem, o que há de mais importante na relação entre Freud e o romantismo é a questão da razão e do contraste entre uma concepção pessimista e inconsciente da psicologia humana e a necessidade de fortalecimento da razão, da cultura e da civilização.

Referências

- BERLIN, I. Dois conceitos de liberdade. In: BERLIN, I. (Ed.). **Quatro ensaios sobre a liberdade**. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.
- BERLIN, I. O declínio das ideias utópicas no Ocidente. In: HARDY, H. (Org.). **Limites da utopia**: capítulo da história das ideias. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 42; 45.
- FREUD, S. Extratos de documentos dirigidos a Fliess. Rascunho N (1950 [1892-1899]). In: FREUD, S. (Ed.). **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. v. 1. p. 348.
- FREUD, S. O Mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: FREUD, S. (Ed.). **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. v. 21. p. 133.
- FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, XXXV. A questão de uma *Weltanschauung*. (1932 [1931]). In: FREUD, S. (Ed.). **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976c. v. 22. p. 255-258.
- FREUD, S. Por que a guerra? (1932 [1931]). In: FREUD, S. (Ed.). **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976d. v. 22. p. 256.
- GUINSBURG, J.; ROSENFELD, A. Romantismo e classicismo. In: GUINSBURG, J. (Org.). **O romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 262-273.
- LOUREIRO, I. R. B. **O carvalho e o pinheiro**: Freud e o estilo romântico. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2002.
- MANN, T. A posição de Freud na moderna história das ideias. In: **Ensaio**. ROSENFELD, A. (Org.). São Paulo: Ed. Perspectiva, 1988.
- MANN, T. **Schopenhauer**. 2009. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov/download/texto/cv0000062.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2009.
- ROUANET, S. P. **A razão cativa**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ROUANET, S. P. **O Mal-estar na modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- VIZZIOLI, P. O sentimento e a razão nas poéticas e na poesia do romantismo. In: GUINSBURG, J. (Org.). **O romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 149.

Received on March 24, 2010.

Accepted on March 10, 2011.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.